
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC), SÃO SEBASTIÃO – SP, 2025

RACISMO NO SITEMA ORGANIZACIONAL ESCOLAR

Maria Luisa Dantas Cassinha¹

Ticiane Vitoria Kinkela Mbueko²

Patrícia Carbonari Pantojo³

Vander Wilson dos Santos⁴

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a presença e os impactos do racismo no cotidiano das escolas brasileiras, especialmente na educação infantil, considerando as legislações antirracistas brasileiras, como as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e dos Povos Indígenas. A pesquisa evidencia como a falta de capacitação dos profissionais da educação pode contribuir para atitudes discriminatórias, como observado em situações práticas de violência simbólica contra crianças, prejudicando sua integridade física, emocional e social. O estudo também distingue os tipos de racismo — individual, institucional e estrutural e discute como eles se manifestam no ambiente escolar. Por fim, são apresentadas estratégias pedagógicas e projetos educativos, como quizzes interativos, bate-papos com lideranças negras e atividades recorrentes, que buscam promover a inclusão, a valorização da diversidade e a conscientização de alunos e professores sobre práticas racistas. O trabalho contribui para a reflexão sobre a importância de políticas educativas antirracistas efetivas e da formação contínua de profissionais da educação para garantir um ambiente escolar mais justo e inclusivo.

Palavras-chave: racismo; educação infantil; discriminação; inclusão; diversidade.

RACISM IN THE SCHOOL ORGANIZATIONAL SYSTEM

ABSTRACT: This study aims to analyze the presence and impacts of racism in the daily life of Brazilian schools, especially in early childhood education, considering Brazilian antiracist legislation, such as Laws No. 10,639/2003 and No. 11,645/2008, which make the teaching of Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture mandatory. The research highlights how the lack of training of education professionals

¹ RM: 23055. Aluno(a) regular do [Curso Administração](#), da Etec de São Sebastião (188) – E-mail: maria.cassinha@etec.sp.gov.br.

² RM: 23295. Aluno(a) regular do [Curso Administração](#), da Etec de São Sebastião (188) – E-mail: ticiane.mbueko@etec.sp.gov.br.

³ Orientador(a); Professor(a) Esp. da Etec de São Sebastião – E-mail: patrícia.pantojo@etec.sp.gov.br.

⁴ Coorientador(a); Professor Me. da Etec de São Sebastião – E-mail: vander.santos@etec.sp.gov.br.

can contribute to discriminatory attitudes, as observed in practical situations of symbolic violence against children, harming their physical, emotional, and social integrity. The study also distinguishes between types of racism — individual, institutional, and structural — and discusses how they manifest in the school environment. Finally, pedagogical strategies and educational projects are presented, such as interactive quizzes, discussions with Black leaders, and recurring activities, aimed at promoting inclusion, valuing diversity, and raising awareness among students and teachers about racist practices. The work contributes to reflecting on the importance of effective antiracist educational policies and the continuous training of education professionals to ensure a fairer and more inclusive school environment.

Keywords: racism; early childhood education; discrimination; inclusion; diversity.

1 INTRODUÇÃO

O racismo está mais presente no ambiente escolar do que muitas pessoas percebem, e a luta contra ele depende da colaboração de todos. Este trabalho busca investigar como o racismo afeta o cotidiano das escolas, especialmente na educação infantil, e como a falta de letramento racial adequado contribui para atitudes discriminatórias, prejudicando a integridade física, emocional e social das crianças.

É importante destacar que o ensino e o letramento racial não devem ser vistos como temas isolados, mas como parte essencial da formação cidadã. A escola, como espaço de socialização e construção de valores, tem o dever de promover a equidade e combater qualquer forma de preconceito. A ausência de uma abordagem antirracista no currículo escolar contribui para a manutenção de desigualdades históricas e culturais, impedindo que crianças negras se reconheçam positivamente em seus espaços de aprendizagem.

Assim, é fundamental que a educação antirracista seja inserida desde os primeiros anos escolares, com o objetivo de formar cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para viver em uma sociedade plural e justa. Como afirma a filósofa Angela Davis, "em uma sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista."

Esse artigo busca responder a seguinte problemática: como a falta de letramento racial afeta o ambiente escolar?

A justificativa deste trabalho é que é fundamental que as escolas promovam uma educação inclusiva e antirracista desde o princípio para todos os alunos, independentemente da sua raça ou origem étnica. Adotando essas práticas, as escolas promovem a inclusão e ajudam os alunos a desenvolverem uma mentalidade

de respeito, empatia e solidariedade.

O objetivo principal desse artigo é investigar como o racismo afeta o ambiente escolar. Tendo como objetivos específicos: analisar os métodos abordados pelas escolas de enfrentamento ao racismo; aprimorar a capacitação dos professores.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Caracterização do objeto de estudo

2.1.1.1 Teoria sobre racismo institucional e estrutural - O que é

Racismo institucional acontece dentro das instituições (escola, hospital, polícia, empresas) quando as regras, práticas ou a forma de tratamento resultam em desvantagem para pessoas negras, mesmo que não seja de forma declarada. Essas práticas não precisam ser intencionais para causar danos; muitas vezes, elas resultam de tradições e normas históricas que favorecem um grupo racial em detrimento de outros. “O racismo institucional na escola se traduz em práticas que reforçam desigualdades de acesso, tratamento e reconhecimento, mesmo quando não há intenção explícita de discriminar.” (Artigo, v.38, 2023).

O Racismo Estrutural é um fenômeno social e histórico onde a estrutura da sociedade, incluindo instituições, políticas e práticas do dia a dia, é construída e mantida com base na discriminação racial. Segundo Ribeiro; Barros (2025, p. 144), “O racismo é um sistema estruturante, gerador de comportamentos, práticas, crenças e preconceitos que fundamentam desigualdades evitáveis e injustas entre grupos sociais, baseadas na raça ou etnia.”. Isso resulta em desvantagens e privilégios para determinados grupos étnico-raciais, como brancos, negros e indígenas, e se manifesta através de um conjunto de práticas, hábitos e normas que promovem o preconceito e a desigualdade, mesmo que de forma inconsciente.

2.1.1.2 Como acontece na escola: menos oportunidade de participar de projetos ou recebe ajuda por causa da cor da pele

Os alunos negros muitas vezes não recebem incentivo para participar de projetos, grupos, atividades sociais, como por exemplo, quando um professor escolhe sempre os mesmos alunos (geralmente brancos) para representar a escola em algum evento ou feira, ou quando um aluno branco tira nota baixa é visto como “falta de

esforço”, mas quando um aluno negro tira nota baixa é considerado como “sem capacidade”.

“Enquanto percebiam 28% de todas as crianças da escola como negras (pretas ou pardas), no reforço essa proporção era de 38%. É também significativamente maior a proporção de alunos percebidos como brancos entre os elogiados (oito pontos percentuais a mais que no conjunto da escola), resultando no fato de que 32% dos classificados como brancos e apenas 21% dos negros tenham recebido elogios. Contudo, no que se refere à disciplina, a percepção era de proporções de negros muito semelhantes no total da escola e entre os alunos com problemas (28% e 29%, respectivamente); ou, visto de outra forma, de acordo com a classificação das professoras, exatamente 20% do total de alunos brancos e 20% dos negros eram ‘indisciplinados’” (CARVALHO, 2005, par. 48).

Em muitas situações recebem ajuda, não por precisarem de fato, mas sim porque não acreditam em seu potencial e por deduzirem que não conseguem fazer sozinhos.

2.1.2 Educação e reprodução das desigualdades

2.1.2.1 A escola reproduz diferenças sociais, beneficiando alunos de famílias mais favorecidas

A educação no Brasil beneficia mais os alunos brancos devido ao racismo estrutural, que se manifesta em diversas formas de desigualdade, como a melhor infraestrutura e os níveis socioeconômicos mais elevados das escolas predominantemente brancas. Alunos de famílias ricas costumam chegar à escola com mais acessos a livros, culturas, viagens... e isso faz com que eles tenham mais facilidade no desempenho escolar.

Escolas em regiões mais ricas, geralmente oferecem professores que são bem pagos, uma infraestrutura de melhor qualidade, mais projetos extracurriculares, enquanto áreas pobres muitas vezes faltam recursos básicos. A escola que deveria ser um espaço onde todos tem oportunidades iguais, acaba se tornando um lugar que mantém privilégios para uma posição favorecida.

Das escolas do país com melhores infra-estruturas, 69% são as que têm a maioria dos alunos brancos. As escolas públicas de educação básica com alunos majoritariamente negros têm estrutura pior do que as unidades educacionais com maioria de estudantes brancos (OBSERVATÓRIO DA BRANQUIDADE, 2024, p. 1).

2.1.2.2 Alunos já conhecem ou tem mais facilidade em determinados conteúdos por terem apoio famílias enquanto outros ficam para trás

Alguns alunos aprendem com mais facilidade certos conteúdos porque recebem ajuda da família em casa. Outros, que não têm esse apoio, acabam ficando para trás. Isso mostra como o ambiente familiar pode influenciar muito no desempenho escolar. Segundo o educador Paulo Freire (FREIRE, Paulo. Frase atribuída. Não há registro da citação literal nas suas obras publicadas) "a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo." Isso nos lembra da importância de dar oportunidades iguais para todos aprenderem.

2.1.3 Invisibilidade cultural no currículo

Ensino de culturas europeias e ensino de culturas Afro-indígenas brasileiras são esquecidas.

No Brasil, muitas vezes, nas escolas, o ensino foca mais nas culturas europeias, como a história e a cultura da Europa. Mas as culturas afro-brasileiras e indígenas, que são muito importantes para o nosso país, acabam sendo esquecidas ou pouco ensinadas.

Quando as escolas não ensinam essas culturas, as pessoas não conhecem suas próprias raízes. Isso faz com que não valorizemos essas culturas, o que gera preconceito e desigualdade. "A nossa grande diversidade é apagada nos bancos escolares. Há uma tentativa de homogeneizar a cultura brasileira sob o olhar do colonizador europeu." — SILVA, Redson.(2022).

Trazer as riquezas da cultura Afro indígena:

Muitos estudos comprovam que ensino da cultura europeia influência o caráter de crianças brancas criando um sentimento de superioridade. Autores como Yasmin Santos de Amorim, Cíntia Cardoso, Edmacy Quirina de Souza e Nilson Fernandes apoiam esse pensamento.

2.1.3.1 Importância dessas culturas para a identidade do povo brasileiro

Ensinar a cultura afro-indígena nas escolas é muito importante, porque ajuda as crianças a conhecerem melhor a verdadeira história do Brasil. Nosso país é formado por muitos povos diferentes, principalmente indígenas e africanos, que tiveram grande participação na construção da nossa cultura, da nossa língua, da nossa comida e até da nossa maneira de viver.

Muitas vezes, as escolas ensinam apenas a cultura europeia, como se ela fosse a única importante, e isso faz com que as crianças negras e indígenas não se vejam nos livros e nem nas aulas, fazendo com que elas podem se sintam excluídas ou até

com vergonha da sua origem. Por isso, quando a escola ensina também a cultura afro-brasileira e indígena, essas crianças se sentem valorizadas, representadas e ficam mais confiantes.

"Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de se desmistificar os conceitos de raça e cor nos espaços escolares, pois estas ainda se encontram enraizadas na cultura do branqueamento na qual seus espaços são ornamentados, na sua grande maioria, com crianças com fenótipos brancos sendo que o quadro real das escolas é composto por crianças negras." (SOUZA; DINIS, 2018, p. 279)

2.1.3.2 Leis Antirracistas

As Leis no 10.639/2003 e 11.645/2008 são leis brasileiras que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e dos Povos Indígenas em todas as escolas de ensino fundamental e médio. A Lei no 10.639/2003 introduziu a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-Brasileira, e a Lei no 11.645/2008 ampliou a LDB, incluindo também os conteúdos da história e cultura dos povos Indígenas.

2.1.3.3 Racismo no dia a dia na escola.

Como a falta de capacitação pode ser interpretada?

A partir da citação de Cavalleiro (2012), é possível compreender que a falta de capacitação dos educadores pode ser interpretada como um fator que contribui diretamente para o silêncio e a omissão diante de situações de preconceito no ambiente escolar. Muitos profissionais, por não terem recebido uma formação adequada sobre as questões raciais, acabam não reconhecendo a gravidade desses conflitos ou não sabem como agir diante deles.

Esse despreparo pode ser entendido de duas formas: em alguns casos, o silêncio surge da insegurança e do medo de lidar com um tema tão delicado; em outros, ele pode refletir uma concordância inconsciente com ideias preconceituosas, que acabam sendo reproduzidas no cotidiano escolar.

Acrescentamos o pensamento de Cavalleiro:

De acordo com Cavalleiro (2012, p.10), "os educadores não perceberam o conflito que se delineava. Talvez por não saberem lidar com tal problema, preferiram o silêncio. Também me questionei sobre a possibilidade desse silêncio decorrer do fato de esses profissionais compactuarem com as ideias preconceituosas, considerando-as corretas e reproduzindo-as em seus cotidianos.

Em outra situação, observei uma nova cena protagonizada pelas mesmas pessoas. Ao servir o lanche, a merendeira falou para a professora, enquanto

a menina recebia o seu: “Como essa criança é fora de sintonia, meu Deus! Como essa menina é marcha lenta!”. E disse essas palavras com cara de nojo e de aversão. E, em seguida, completou: “Três anos com essa menina, três anos que ela é assim. Ela não me desce”. A criança retirou o seu lanche e voltou para o seu lugar. Não sei precisar se ouviu o comentário. Mas, da forma como foi dito, seria difícil não ter escutado. Por tudo isso, algumas perguntas se impõem: Estaria essa menina sofrendo, há três anos, esse tipo de violência tão prejudicial à sua integridade física e emocional? O que poderia sentir uma criança ao vivenciar situações como essas? Será que essa situação não causa incômodo à professora que a tudo assiste, impassível? E, se não se incomoda, porquê? E o que se passa com os outros alunos que assistem a essas cenas? Como entendem e interiorizam experiências tão absurdas? (CAVALLEIRO, 2012, p. 78)

2.1.4 Como o racismo funciona

O racismo pode se manifestar de diferentes formas. O racismo individual, segundo Telles (2003) e Almeida (2019), ocorre nas atitudes e comportamentos de pessoas que expressam preconceitos de forma consciente ou inconsciente.

Já o racismo institucional se manifesta nas práticas e políticas de instituições que produzem desigualdades raciais (Carmo, 2012; Lopes, 2019).

Por fim, o racismo estrutural, conforme Almeida (2019) e Carneiro (2011), é o mais profundo, pois está enraizado na própria organização da sociedade, resultado histórico da escravidão e da exclusão social da população negra.

2.2 Materiais e Métodos

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados questionários online elaborados no Microsoft Forms. Os formulários foram aplicados com o objetivo de compreender as percepções e experiências relacionadas ao racismo no sistema organizacional escolar.

Foram elaborados dois formulários: um voltado aos alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e outro aos professores e funcionários da instituição. Cada questionário continha perguntas objetivas e discursivas, buscando identificar possíveis situações de discriminação racial, o posicionamento dos participantes diante do tema e a percepção sobre o tratamento da questão racial no ambiente escolar.

Os formulários foram preenchidos de forma anônima, garantindo a confidencialidade das respostas e a liberdade de expressão dos participantes. A coleta de dados ocorreu no mês de outubro de 2025, na Escola Técnica Estadual (ETEC)

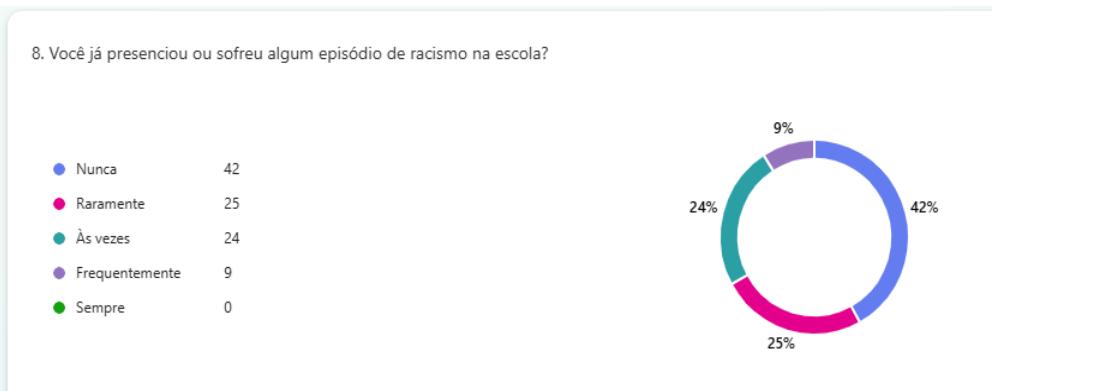
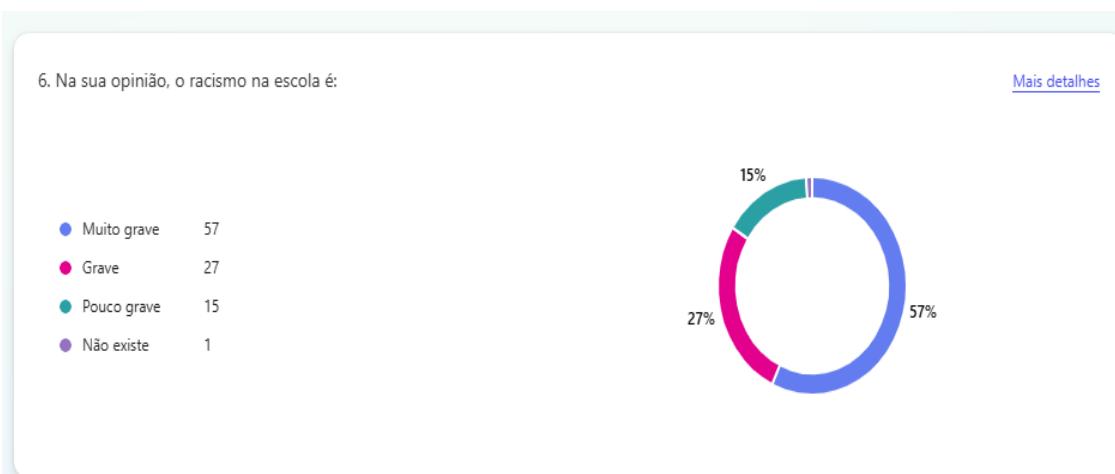
onde o estudo foi realizado.

Após a coleta, as respostas foram organizadas e analisadas de maneira descritiva, buscando identificar padrões, percepções e diferenças entre os grupos participantes (alunos e funcionários).

2.3 Resultados e Discussões - Experiências e Percepções de Racismo

Alunos

Entre os alunos negros (pardos e pretos), 52,9% consideram que o racismo na escola é muito grave, o que representa cerca de metade desse grupo. Em relação ao total de respondentes, isso equivale a aproximadamente 27% dos alunos.



Cerca de 64,7% (33) dos alunos negros afirmaram já ter presenciado ou sofrido algum episódio de racismo na escola, e 35,3% (18) nunca sofreram ou presenciam-

racismo.

Na pergunta 9, perguntamos aos alunos se eles já tinham passado por ou presenciado algum caso de racismo que quisessem contar.

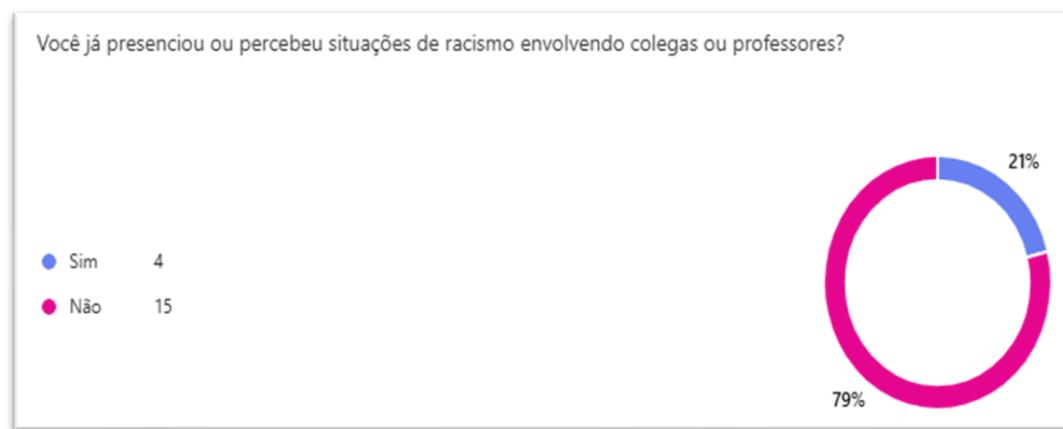
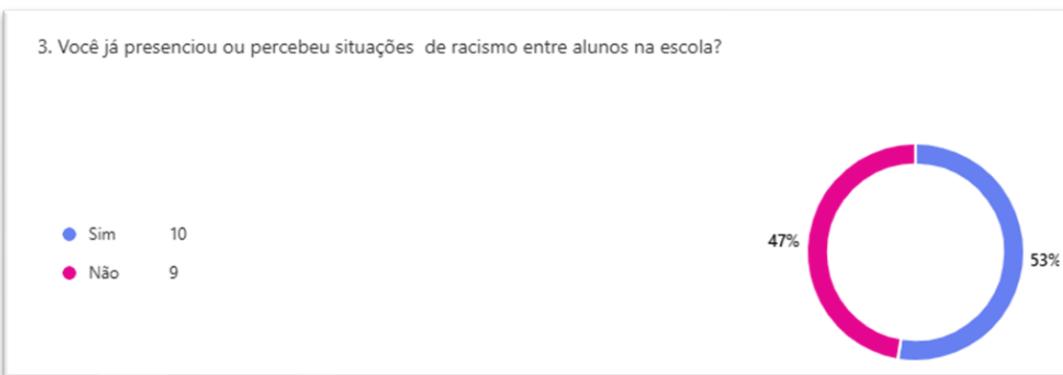
Tabela – Análise de dados.

IDADE	RAÇA/COR	RELATO
16	Preta	Apelidos e diferença com o tratamento.
17	Indígena	Eu mesma cometи racismo contra a minha pessoa
15	Parda	Piadas de mau gosto em relação a cor da minha pele e textura do meu cabelo.
16	Parda	Me chamam de Jorge curioso, um macaco de desenho animado.
16	Branca	Um aluno chamar o professor de macaco
15	Branca	Já ouve questões com professores, da qual alunos foram racistas.
15	Preta	Piadas racistas de alunos brancos, que muitas vezes viam graça onde não tinha, no ambiente escolar, com pessoas que, de fato, nunca gostaram, mas era melhor do que ser excluído...
17	Branca	já presenciei uma colega ser chamada de "preta filha da put**"
17	Branca	Uma colega da minha sala mandou um aluno de outra sala catar algodão (igual no período da escravidão)

Fonte: elaborada pelos próprios autores, 2025.

Funcionários

Dos 19 funcionários que se dispuseram a preencher o Forms, cerca de 53% já presenciaram situações de racismo entre alunos, e 21% já presenciaram situações de racismo envolvendo colegas ou professores.



Também foi perguntado se os professores se sentiam à vontade para abordar temas relacionados ao racismo com os alunos. Eles tinham como opções de resposta: “sim”, “não” e “às vezes”. Para aqueles que responderam algo diferente de “sim”, foi solicitado que apresentassem uma justificativa.

Tabela: análise de dados 2

Tempo de atuação	Resposta	Relato
+10	Não	Falta de conhecimento e embasamento
+10	Às vezes	Receio de os alunos interpretarem de forma errônea o assunto
6-10	Às vezes	Se ocorrer pode ser discutido
+10	Às vezes	Insegurança comportamental

Fonte: elaborada pelos próprios autores, 2025.

Foi dada aos funcionários a oportunidade de sugerir alguns métodos que a escola poderia adotar para melhorar o enfrentamento do racismo.

Tabela de Sugestões

Sugestões
Precisaria ter o tema pautado na grade curricular, ter mais debates sobre a temática e maior envolvimento da sociedade.
Canais de denúncia anônima e formação dos professores
Cria material de interação racial
Trazer o poder público na escola
Denúncias à polícia e responsabilização
Ter uma conduta mais dura com os que praticam racismo. Ofertar mais palestras de orientação
Mais abordagens que discutam o tema em atividades variadas para conscientizar os alunos e observarem quais comportamentos ainda são disseminados.
Campanhas de informação.
Trazer o tema para discussão quando possível.
Reunião pra discutir o tema
Trabalhar a conscientização em todo o ano letivo
Palestras e workshops
Trazer mais profissionais para palestrar sobre o assunto

Fonte: elaborada pelos próprios autores, 2025.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados, foi possível perceber que o racismo ainda é uma realidade presente no ambiente escolar, manifestando-se de diferentes formas, seja em atitudes, discursos ou omissões. A pesquisa revelou que tanto alunos quanto funcionários reconhecem a existência de práticas discriminatórias, mas muitos ainda não se sentem preparados para enfrentá-las, o que reforça a importância da formação continuada e do letramento racial entre os profissionais da educação.

A falta de capacitação adequada pode ser interpretada não apenas como despreparo, mas também como uma forma de perpetuação do silêncio diante do racismo, como aponta Cavalleiro (2012). Quando o educador não comprehende o impacto de suas ações ou da ausência delas, acaba, mesmo sem intenção, contribuindo para atos de desigualdades e violências simbólicas no ambiente escolar.

Dessa forma, torna-se essencial que a escola assuma seu papel transformador, promovendo práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a representatividade e o respeito às diferenças. A implementação efetiva das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, junto ao incentivo de debates, projetos e formações antirracistas, é um

passo fundamental para romper com padrões históricos de exclusão e construir um espaço de aprendizagem mais justo, acolhedor e consciente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

APRENDE BRASIL. A importância de aumentar nosso letramento racial. Blog Aprende Brasil, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://aprendebrasil.com.br/educacao-das-relacoes-etnico-raciais/a-importancia-de-aumentar-nosso-letramento-racial/>. Acesso em: 3 set. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARMO, Paulo Sérgio do. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Moderna, 2012.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. Revista Brasileira de Educação, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PHZCR8tTdbgDtFCbTQ7dL8z/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 30 out. 2025.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 5. ed. São Paulo: 2012.

FAROL ANTIRRACISTA. Qual a importância da Lei 10.639/03 para a construção de uma sociedade antirracista? Disponível em: <https://farolantirracista.sp.gov.br/qual-a-importancia-da-lei-10639-03-para-a-construcao-de-uma-sociedade-antirracista/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. 9 motivos pelos quais você também deveria lutar contra o racismo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/9-motivos-pelos-quais-voce-tambem-deveria-lutar-contra-o-racismo/>. Acesso em: 20 set. 2025.

LOPES, Maria Teresa S. Racismo institucional e o direito à igualdade racial. Revista da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, São Paulo, n. 12, p. 45-62, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

OBSERVATÓRIO DA BRANQUIDADE. The Color of School Infrastructure: Differences between White and Black Schools. Infográfico, 8 p. São Paulo:

Observatório da Branquitude, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://observatoriobranquitude.com.br/the-color-of-school-infrastructure-differences-between-white-and-black-schools/>. Acesso em: 30 out. 2025.

ONOFRE, [Nome do autor completo, se disponível]. “Sem o letramento racial, a formação docente se mantém cega às desigualdades que ela própria reproduz.” Ensino em Perspectivas, 2024, p. 7. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/download/13107/11595/56802>. Acesso em: 30 out. 2025.

PRUDENTE, Eunice Aparecida de Jesus. Racismo estrutural. Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 141-156, 2019.

RIBEIRO, Cláudia Virginia Pereira; BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa. Racismo estrutural no Brasil. Revista Eletrônica do Curso de Direito, Barra Mansa, v. 10, n. 1, p. 143-158, abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.52397/recdubm.v10i1.2334>. Acesso em: 30 out. 2025.

TERRA. Racismo: entenda quais são os tipos e as consequências. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/racismo-entenda-quais-sao-os-tipos-e-as-consequencias,a13e57148ea45b1401bae82c43249510nj8hitqs.html>. Acesso em: 14 ago. 2025.

TELLES, Edward. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

O IMPACTO DO LETRAMENTO RACIAL NA REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS. Disponível em: <https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/111260689/1511-libre.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.